

Alheira

ALHEIRA, orago Santa Marinha, era uma abadia da apresentação da casa de Bragança.

Alheira, etimologicamente de *alliaría*, quer dizer terra de alhos. Perto desta freguesia está o monte da Alheira, *mons alliaría*, como vem nos documentos antigos.

O abade da Alheira tinha o direito de apresentação do vigário na freguesia de Santiago de Nogueira, do concelho de Vila Nova de Cerveira, da qual era anexa.

O P.^o Carvalho, na sua Corografia Portuguesa, vol. I, pág. 194, diz que a freguesia de Nogueira é muito antiga, fundação de el-rei D. Afonso Magno, que a deu à Igreja de Santiago de Compostela.

Ignoramos como passou o direito de apresentação do seu pároco para o abade da Alheira.

Santiago de Nogueira era couto da casa de Bragança e aqui foi edificada uma torre — a Torre de Nogueira — solar da família deste apelido.

Alheira vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação = « De Sancta Marina de Leira », de Terra de Nevía.

Nelas se diz que o rei é o padroeiro; que esta Igreja tem sesmarias, Santa Maria de Galegos 3 casais, Hospital um morabitino de renda e que o rei tem em «Quintaela » meio casal menos uma oitava. Nos *foros e*

dádivas se diz mais: «Et quando Dominus (Rex) aut Ricushomo veniunt per ipsam terram dat eis clericus de ista ecclesia suutn servicium. Hereditas que fuit de Sueiro Raiz est pausa de Maiordomo, et includunt ibi ganatum et pectant inde vocem et calumpniam, et habet illam mo-nasterium de Manenti et ermavit illam, etc. sic perdit dominus Rex inde totum suum fórum. Et vadunt omnes ad castellum».

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, se diz que, *c in Judicato de Nevia, in parrochia Sancte Marine de Aleyra*», el-rei é o padroeiro, que esta freguesia costumava render para el-rei cada ano quarenta e cinco maravidis com duas ermidas que estão ali, e continua : «Item disserem que, quando don Joam Redondo teyve a terra, que Fernam Vaasquiz escudeiro fez omizio et pectou uno casal a esse don Joam Rotondus por esse omizio, et de o a seu irmão Martino Petri por outro, et esse Martinus Petri fez y una quintana. Disserem que, quando El rei ou o Ricomem que ten a terra ven pelo lugar, fazem li servizo desta ecclesia.

E in esta freeguisia entra o Mayordomo a IIIj^{or} cousas, scilicet: furto, e rouso, et merda in buca, et omizio.

Item, da ermida de Sancto Laurencio sum as três partes condado et regaengo, e fazem servizo ai Rey.

E vam a fazer o castelo»>.

Nestas Inquirições aparecem-nos os lugares de Rial, Quinteela, Paredes, Cortiar da Buzaqueira, Cerzedo, Cortial de Vila, Cobal, Souto de Vila e Represa.

Existiu a freguesia de São Salvador de Regoufe, que em época que não podemos determinar se extinguiu e foi dividida por esta da Alheira e por a de São Pedro de Alvito.

Aparece-nos aquela freguesia nas Inquirições, mas já a não encontramos no Censo da População de 1527.

Nas Inquirições de 1220 vem com a designação=«De heremita de Sancto Salvatore de Regauffi», de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum; que é padroeiro desta ermida e que esta Igreja tem sesmarias e São Pedro de Calvelo um casal.

Que «de ista collatione dant pró totó foro de renda iiij. morabitanos, exceptis quatuor calumpniis, et vadunt ad castellum.

Et de ista heremita dant scorzo et fogaciam Regi vel Ricohomini».

Nas Inquirições de 1258, l.¹ Alçada, se diz: «*in judicato de Nevia*, item, *m parrochia Sancti Salvatore de Regauffi* que «el Rey est padron e fazem li servizo da ecclesia. Et intra y Mayordomo a IIIj^{or} cousas, scilicet: a omizio, et rouso, et furto, et merda in bucca. E vam a fazer o castelo».

Vamos explicar algumas das palavras que vem nas Inquirições e documentos antigos. Algumas traduzem usos e costumes que hoje não existem, estabelecendo-se na legislação daquelas épocas penalidades para crimes banidos pela civilização.

Assim *servicium*, no sentido em que aqui é tomado, era um presente, um obséquo que o directo senhor esperava da generosidade dos seus colonos, que tendo obrigação de lhe fazer este mimo, não eram contudo obrigados em certa quantidade e qualidade.

A qualidade e quantidade desta oferta estava pois dependente da vontade do colono.

Vadunt ad castellum era o direito *castelático*. Era uma contribuição que os vassalos anualmente pagavam para a fábrica e reparação dos castelos dos respectivos territórios, quando o trabalho corporal nas obras militares não era preciso.

VOZ, *calunia* e *coima*, eram certos direitos que andavam anexos à coroa e que consistiam em pertencer ao real fisco as penas e multas de certos crimes.

Scorzo era a vasilha de cortiça de sobreiro que levava seis canadas de vinho e *fogaças* eram bolos ou pão delgado cozinhado debaixo das cinzas ou rescaldo. Este pão ázimo era muito usado outrora por se fazer rapidamente.

Aplicou-se depois o nome de fogaça também aos bolos de pão levedado e cozido no forno.

Quatro e às vezes cinco delitos se costumava coimar nos forais dos séculos XII e XIII: *o omizio*, *o rouso*, *o furto*, *a merda in bucca* e *o arrombamento de portas com mão armada*.

Não era fixo, porém, o número destas coimas; havia forais que punham duas, outros três e outros até cinco.

Nas Inquirições relativas a esta freguesia põe quatro: *omizio*, *rouso*, *furto* e *merda in bucca*.

O omizio era morte de homem ou mulher feita por autoridade própria, proibida e castigada pelas leis.

Havia nos primeiros tempos da nossa nacionalidade o mau costume de cada um acoimar morte de parente, mas D. Afonso IV mandou por uma lei guardar o direito comum e que os culpados fossem castigados pelas justiças e não por autoridade própria. D. Afonso V acabou por uma vez com semelhantes coimas, desafios e vindictas entre todos os seus vassalos, mandando que todos os agravados recorressem às suas Justiças, mantendo apenas o costume de o marido matar o adúltero e a sua mulher que com ele se achar.

O rouso era o rapto violento de mulher ou a violência que se fazia a qualquer mulher que sem ser furtada era violenta e lascivamente contra sua vontade ofendida.

Excepto em raros forais, era severamente punido este acto mui principalmente, e sempre, quando *a rousada* fosse mulher casada.

D. Pedro I foi até ao ponto de condenar à morte o marido de Maria Rousada, de Benfica, quando soube que ele a tinha forçado antes de se casar com ela.

O furto é um acto criminoso que sempre, ainda que diversamente, foi punido.

Ainda hoje nas nações mais avançadas aplicam-se àquele crime penas severas, conforme a sua gravidade.

Entre alguns povos e mesmo entre nós nos primeiros tempos da monarquia, costumava-se marcar com uma letra a fogo os criminosos.

A merda in bacca era uma das injúrias maiores que antigamente se praticava e rigorosamente punida entre nós.

Os documentos antigos usavam dos termos: *stercus in ore*, *merda in bucca*, *lixo em boca*, *deostos*, etc.

Este crime felizmente caiu em desuso; apenas um ou outro mais malcriado limita-se a mandar... ao lixo a vítima, sendo até expressão agora muito usada por pessoas da boa sociedade que a querem tornar da moda.

Sobre a significação destes termos pode ver-se o «Elucidário» de Santa Rosa de Viterbo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada no centro de um adro, vedado por parede com duas portas de serventia.

Ao lado esquerdo da sua fachada, modesta e simples, ergue-se uma alta e possante torre para os sinos, bastante desproporcionada com o resto do edifício.

Por trás dessa torre estão a sacristia e a casa de arrecadação da igreja.

À entrada da porta principal, no adro, vê-se no chão uma sepultura, cuja tampa contém uma extensa inscrição

quase apagada pela acção desgastadora do tempo e dos pés dos fieis.

Dentro o templo está bem cuidado.

A capela-mor é forrada a estuque, muito bem pintado e decorado, tendo no centro uma alusão ao SS. Sacramento.

O altar é moderno.

Debaixo do arco cruzeiro, a seguir à sepultura paroquial, está no pavimento uma pedra com a seguinte inscrição = A. D. MANOEL. MENDES. DA SYLVA Q MANDOV REFORMAR A ESTA IGREJA 1660 = Esta inscrição tem de curioso que o artista fez os RR como YY, o que embaraça um pouco a sua leitura.

O arco cruzeiro é todo forrado com um revestimento de madeira em talha antiga, bem trabalhada, à guisa de sanefão.

Os dois primeiros altares laterais são em bela talha estilo barroco e os outros dois a seguir são também na mesma talha antiga, mas metidos nas paredes.

Os tectos do corpo da igreja são em madeira pintada com várias decorações, tendo no meio um quadro com um coração.

Tem coro e púlpito, pobres e modestos é certo.

A pia baptismal em granito, está debaixo de um arco metido na parede.

Ao fundo de um comprido e estreito terreiro, que corre paralelo à fachada da igreja, está o *Cruzeiro Paroquial*, modesto e simples. Entre este e a igreja houve antigamente um calvário, vendo-se ainda nos seus lugares as bases das cruzes e estas mutiladas, arrumadas no adro a um canto.

O *Cemitério Paroquial* foi construído há poucos anos, uns oito, segundo me disseram, não tendo ainda gradeamento.

Em Sogilde há um cruzeiro mandado erigir por um devoto.

Esta freguesia tem as seguintes capelas:

Capela de São Lourenço, em um cabeço do monte da Alheira, donde se disfruta um lindo panorama.

É pública e nela se realiza todos os anos uma festa ao seu padroeiro.

A Capela da Senhora do Rosário, no lugar do Pinheiro. É pública.

A Capela de São João, junto à casa do Pinheiro. É particular e pertence à Ex.^{ma} Snr.^a D. ...

Da antiga freguesia de São Salvador de Regoufe não se encontram actualmente nesta da Alheira vestígios da sua matriz nem quaisquer outros a não ser o nome do lugar de Regoufe, que se compõe de bem poucas casas.

Esta freguesia da Alheira, situada em terreno plano, com leves ondulações de pequenos outeiros, está uma parte na bacia orográfica do Cávado e outra na do Neiva.

É banhada ao norte pelo rio Neiva, regada e fertilizada por um pequeno ribeiro que nasce aqui e vai desaguar ao Neiva, e pelo ribeiro do Paço, que nasce também nesta freguesia e é afluente do ribeiro do Tamel, antigamente conhecido por ribeiro de Ponteio que, nascendo na freguesia de Roriz, vai lançar-se no Cávado junto à ponte dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

As suas fontes públicas são: a fonte de Ana, a da Presa, a da Granja, a do Chafariz, a de Mãos, a do Olival, a de Pereira, a de S. Paio, a do Penedo, a do Caneiro, a de Macedos e a de Sogilde.

Nesta freguesia, sobre o rio Neiva, existe a bem conhecida Ponte de Anhel, de origem romana, em três arcos, que hoje dá passagem à estrada de macadame n.º 13 de Barcelos a S. Julião de Freixo.

A freguesia da Alheira confronta pelo norte com o rio Neiva e a freguesia da Igreja Nova, pelo nascente com a de Cervães, do concelho de Vila Verde e a de Oliveira, pelo sul com a de Roriz e pelo poente com a de S. Pedro de Alvito e a de Panque.

É servida pela estrada municipal n.º 13 de Barcelos à ponte de Anhel. Chamam-lhe *estrada* mas tal é o seu estado que dentro do carro, quando a percorremos da última vez, deu-nos a impressão que íamos por um monte abaixo aos saltos!

No Censo da População de 1527 vem = no Jullguado de Neyva a freguesia de *Alheyra* = *com 57 moradores; no século XVII era de 143 vizinhos a sua população; no século XVIII era de 160 fogos; no século XIX era de 728 habitantes e actualmente é de 909 habitantes, sendo 413 varões e 496 fêmeas, sabendo ler 121 homens e 42 mulheres, havendo pois 746 analfabetos.

Esta população está distribuída pêlos seguintes lugares habitados: Eira Velha, Bouça, Casal do Monte, Real, Pinheiro, Alheira de Baixo, Estrada, Igreja, Fonte, Além, Alheira de Cima, Cachada, Outeirinho, Granja, Regoufe, Ponte de Anhel e Sogilde.

As suas casas mais importantes são: a do Pinheiro (brasonada), com sua torre manuelina e grande parque, a de Proença na Ponte de Anhel (brasonada), a do Outeiro de Baixo, a do Afonso, a de Real e a da Cal do Monte.

Tem três lojas de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial, mista com um lugar, que funciona em casa própria.

Corre na tradição que D. Branca de Azevedo, descendente da casa solar de Azevedo e casada na do Pinheiro, desta freguesia, foi a fundadora no século XVI da

Capela da Senhora do Rosário, deixando-lhe um legado com a obrigação de missas anuais e festa ao seu orago.

Corre igualmente na tradição que a mesma D. Branca de Azevedo fundou também a Capela de São Lourenço, no sítio assim chamado do monte da Alheira, deixando-lhe um legado.

Não parece porém ser verdade que ela fosse a fundadora desta última capela, pois a ermida de São Lourenço, nesta freguesia, já nos aparece nas Inquirições de 1258. Talvez fosse D. Branca de Azevedo uma das reformadoras desta capela.

António José Lopes Alheira, natural desta freguesia, que viveu no meado do século XIX, foi médico distinto, professor na antiga Escola Politécnica e Deputado por Barcelos, promovendo o desenvolvimento das Caldas do Eirogo.

Houve uma antiga igreja na capela no lugar de Bustelo e ao sítio onde ela esteve chama-lhe o povo ainda «O Campo da Igreja». Ao poente deste sítio fica o lugar de Regoufe.

Existiu um Calvário, no sítio ainda hoje conhecido por este nome, que desapareceu há meio século.

Actualmente existe apenas um *Nicho* ou *Alminhas* nesta freguesia: são as do Outeiro.

No monte Lousado, limites desta freguesia e da de Panque, sobranceiro ao rio Neiva e perto da Ponte de Anhel, aparecem vestígios de uma povoação antiga, à qual se refere Jerónimo Contador de Argote nas «Memórias do Arcebispado» e Pinho Leal no «Portugal Antigo e Moderno».